



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades.

Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos.

## HOJE EU SEI QUAL É O MEU LUGAR NA MINHA HISTÓRIA: A SOCIABILIDADE DOS ESTUDANTES TRANSEXUAIS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL EM TEMPOS DE CRISE.

ALAN DE LOIOLA ALVES<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo conhecer a sociabilidade dos alunos transexuais do curso de Serviço Social. A história e o cotidiano dos alunos transexuais foram marcados por discriminação e resistência, em função das questões de gênero. O ingresso das pessoas trans no curso de Serviço Social se deu no momento em que o processo educacional encontra-se estruturado para atender a reestruturação produtiva e o estado neoliberal. Todavia, cursar Serviço Social possibilitou que eles se reconhecessem e lutassem pelos direitos da população trans, mas temem em não continuar os estudos por causa das questões econômicas.

**Palavras-chave:** Pessoas transexuais; Sociabilidade; Educação Superior; Serviço Social; Crise do capital.

## HOY SÉ CUÁL ES MI LUGAR EM MI HISTORIA: LA SOCIABILIDAD DE LOS ALUMNOS TRANSEXUALES EN LA CARRERA DE TRABAJO SOCIAL EN TIEMPOS DE CRISIS.

**Resumen:** Este artículo tiene por objetivo conocer la sociabilidad de los alumnos transexuales en la carrera de Trabajo Social. La historia y el cotidiano de los alumnos transexuales fueron marcados por la discriminación y la resistencia por cuestiones de género. El acceso de personas trans a la carrera de Trabajo Social se dio en el momento en que el proceso educacional se encuentra estructurado para servir a la reestructuración productiva y el estado neoliberal. No obstante, cursar Trabajo Social les permitió reconocerse y luchar por los derechos de la población trans, aunque temen no poder continuar sus estudios por motivos financieros.

**Palabras clave:** Personas transexuales; Sociabilidad; Educación Superior; Trabajo Social; Crisis del capital.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como tema a sociabilidade dos alunos e alunas transexuais<sup>2</sup> do curso de Serviço Social.

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: <alanloiola@yahoo.com.br>.

<sup>2</sup> Utilizou o termo masculino - alunos inicialmente de forma intencional, pois o intuito é destacar a questão dos homens trans, pois é um grupo invisibilizado nos debates e no movimento social LGBT.

As pessoas transexuais identificadas neste trabalho são pessoas que não vivenciam a identidade de gênero de forma binária, pois como destaca Marinho (2017, p.105) “é concreta a existência de pessoas que vivenciam uma identidade ou expressão de gênero divergente das expectativas sociais atribuídas a eles/as em razão de sua genitália de nascimento”. Entretanto, Marinho (2017) acrescenta que o desejo ou a realização da cirurgia de redesignação de gênero não é condição sine qua non de transexualidade, mas sim o pertencimento ao gênero.

As identidades de gêneros são definidas no âmbito da cultura e da história, assim como as outras identidades sociais, como por exemplo, identidade racial, nacional, profissional e de classe. Neste sentido, os sujeitos são constituídos de múltiplas e distintas identidades, porém reconhecer-se numa identidade, requer uma afirmação, assim como é estabelecida uma unidade, um sentimento de pertencimento de grupo social (Louro, 1999).

O interesse em estudar esta temática se deu a partir do cotidiano profissional como docente em Serviço Social, onde foi possível observar a inserção da população trans no quadro discente da universidade, percebendo uma relação de estranhamento, espanto e atitudes preconceituosas do mundo acadêmico. Além disso, foram notadas as angústias, os dilemas e o processo de afirmação da identidade de gênero, como também a resistência da população trans pela manutenção no espaço educacional.

Neste contexto de opressão e resistência, afirmação e diversidade que se tem o interesse de estudar a sociabilidade da população trans no curso de Serviço Social, pois como aponta Martins (2013, p.13), “(...) tratar da vida social do homem simples e cotidiano, cuja existência é atravessada por mecanismos de dominação e de alienação que distorcem sua compreensão da História e do próprio destino (...)”.

A população transexual no Brasil foi historicamente marcada pelo preconceito e socialmente pressionada a ficar nos espaços sociais guetificados e clandestinos, sendo considerada marginal, pessoa de segunda classe, promiscua, agressiva, violenta e vagabunda. Em decorrência disso foram negligenciadas pelas pesquisas e pelas políticas sociais, mesmo com os avanços recentes, como por exemplo, cirurgia de redesignação sexual pelo

Sistema Único de Saúde - SUS (2008), a adoção do nome social na SUS (2009) e no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e a implementação do programa TransCidadania na cidade de São Paulo (2015).

O Brasil é considerado o país que mais mata população trans no mundo, com 179 assassinatos de pessoas trans registrados em 2017, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens trans (ANTRA, 2018).

Todavia, na cena contemporânea as pessoas trans ingressam na universidade, no qual se entende como uma forma de resistência, pelo qual este debate sobre a inserção da população transexual nas universidades urge, pois como aponta Cassiano (2015) foram 278 travestis e/ou transexuais inscritos e que solicitaram a utilização do nome social no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM em 2015, apesar do número ser baixo, já que foram mais de 8 milhões de inscritos neste exame, porém isto representou um aumento de 172% de candidatos trans comparado com 2014<sup>3</sup>.

As pessoas transexuais nos últimos anos têm se configurado como um grupo social que tem buscado e ingressado ao ensino superior, e o curso de Serviço Social tem sido a escolha de muitas.

Diante do exposto, surgiram algumas indagações: que universidades são essas em que população trans tem se inserido? Como está a educação superior em tempo de crise? Qual a história dos alunos e alunas trans? Por que a escolha do curso de Serviço Social? Como tem sido a vivência no curso de Serviço Social?

Desse modo, este artigo tem como objetivo conhecer a sociabilidade dos alunos e alunas transexuais do curso de Serviço Social, especificamente, analisar a educação superior e o curso de Serviço Social em tempos de crise, como também identificar os motivos e as experiências das pessoas transexuais no curso de Serviço Social.

A metodologia utilizada neste trabalho foi através de uma abordagem exploratória, seguida pelos procedimentos de levantamento bibliográfico e

---

<sup>3</sup> Dados consultados no site: <https://circuitoacademico.com.br/2015/10/07/universidade-para-quem-acesso-e-a-permanencia-de-travestis-e-transexuais-nas-instituicoes-de-ensino-superior/comment-page-1/>  
Acessado em 22/06/2016

entrevistas semi-estruturadas com dois estudantes transexuais do curso de Serviço Social de uma universidade privada da cidade de São Paulo.

Para tanto, este ensaio está estruturado em duas partes. A primeira destaca uma reflexão sobre a educação superior em tempos de crise e como isto tem afetado as escolas e os cursos de Serviço Social. Já o segundo item aborda o processo de socialização dos alunos e alunas transexuais do curso de Serviço Social, destacando o processo histórico, o processo de transição corporal e a luta pelo reconhecimento da identidade de gênero, como também mostra a motivação, vivência, dilemas e perspectivas com a profissão.

## **2. ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE CRISE E O SERVIÇO SOCIAL**

A contemporaneidade é marcada pela crise mundial do capital, em decorrência da expansão do capitalismo monopolista, que provocou um redesenho da sociedade com profundas transformações no mundo do trabalho, reestruturação produtiva, pois a sociedade é assolada pela precarização e terceirização do trabalho, flexibilização e intensificação da produção, expansão das áreas de serviços, oscilação e desvalorização do salário, aumento do trabalho informal e números alarmantes da taxa de desemprego.

No Brasil, por exemplo, “a taxa de desocupação do trimestre encerrado em março de 2018 chegou a 13,1% (...) O total de pessoas desocupadas também cresceu no período, passando de 12,3 milhões para 13,7 milhões” (IBGE, 2018).<sup>4</sup>

De acordo com Raichelis (2018, p.50),

a reestruturação produtiva do capital e as estratégias neoliberais para o enfrentamento das crises que se aprofundam há pelos menos quadros décadas no mundo e no Brasil, vêm provocando a corrosão persistente e ampliada do trabalho contratado e regulamentado com base no taylorismo-fordista.

Neste sentido, o ideário do neoliberalismo ganha força, inserindo o

---

<sup>4</sup> Dados consultados no site: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995-desemprego-volta-a-crescer-no-primeiro-trimestre-de-2018.html> Acessado em 09/06/2018

capitalismo avançado, fazendo com que o Estado aplique uma disciplina orçamentária, com contenção de gastos na esfera social, sucateando os serviços sociais públicos e transferindo para a sociedade civil uma parcela das iniciativas para o atendimento das seqüelas da Questão Social, sendo revitalizada a filantropia e a militarização do social, assim como ocorre o processo de judicialização do social. Além disso, a conjuntura é marcada pela abertura do capital através das privatizações dos bens públicos, das reformas fiscais, fundos públicos e da financeirização do capital (Iamamoto, 2010 e Yazbek, 2009).

Em decorrência desse modelo societário vigente, tem-se o agravamento da Questão Social e suas manifestações, como por exemplo, crescimento da população em estado de miséria, pobreza extrema, desnutrição e fome, onde se convive com graves situações de violações dos direitos e/ou a própria extinção deles, como por exemplo, as reformas da previdência e das leis trabalhistas, ou seja, a população “paga o pato” da crise do capital.

Na sociedade capitalista, como destaca Martinelli (1998, p.137), a vida cotidiana é submetida à lógica do mercado, onde perpetua a “sacralização do mercado”, uma vez que ele se tornou o grande regulador da sociedade.

Diante disso, o modelo atual vigente pressionado pelo mercado e os setores empresariais, mercantiliza os direitos sociais como saúde, previdência, assistência social e educação, o que acaba retirando a cidadania dos sujeitos, fragilizando a sua condição humana.

Neste quadro é que se encontra a expansão do ensino superior, pois como destaca Albuquerque (2018) o ensino superior está voltado para o mercado e para a sociabilidade capitalista, articulados com a financeirização da economia.

De acordo com Albuquerque (2018, p.153), “O crescimento do ensino superior impulsionado pelos últimos governos desde a década de 1990, ainda que com períodos de retração e oscilação, com o contexto de reformas recentes de orientação neoliberal e de seus desdobramentos”.

Em decorrência disso, tem-se uma expansão das universidades privadas com suporte do Estado, que abriram as possibilidades das empresas com ações em bolsas e investidores estrangeiros serem mantenedoras de instituições de ensino. Desse modo, essas instituições conseguem ter super lucro em um tempo

curto. Esta nova configuração do ensino superior é diferente dos períodos anteriores, pois o ensino universitário era restrito às universidades públicas estatais e às universidades confessionais, não tendo assim fins lucrativos e eram raras faculdades privadas mercantis (Albuquerque, 2018).

Assim sendo, o ensino superior na atual conjuntura torna-se uma grande estratégia do capital, estruturada a partir das determinações econômicas capitalistas, e perde a dimensão da cidadania, tornando-se numa expressão do acesso precário ao direito social que é a educação.

Todavia, vale ressaltar que a educação no Brasil, especialmente a educação superior, nunca foi universal, nunca se consolidou como direito social, uma vez que a maioria da população não tinha acesso real a tal serviço, já que era “restrito aos/às estudantes de famílias com renda mais elevada que, se não garantissem vaga na universidade pública, ao menos poderiam pagar mensalidades em uma instituição privada de boa qualidade”, como ressalta Albuquerque (2018, p.150)

Agora, nesta conjuntura, a universidade tornou-se mais acessível, em função dos investimentos do Estado no setor privado através das ações como o ProUni – Programa Universidade para todos e FIES - Fundo de financiamento ao Estudante de Ensino Superior, possibilitando o ingresso de milhões de trabalhadores e estudantes de famílias pobres ao ensino superior.

Diante desse quadro, tem-se uma contradição, uma vez que a mercantilização da educação permitiu o acesso ao ensino superior de uma parte da camada da população marginalizada, porém esta inserção se deu numa educação precária, sucateada, rápida e a distância, que não valoriza a pesquisa, a produção do conhecimento e a intelectualidade, mas sim uma nova socialização, que valoriza a individualidade, a competição, a meritocracia e o consumo, como também desvaloriza os direitos sociais. Este processo é destinado para uma formação de pessoal para a nova morfologia do trabalho, ou seja, a precarização, flexibilização e intensificação do trabalho para a manutenção da ordem social vigente.

Este processo de mercantilização atingiu os cursos de Serviço Social, pois no Brasil em 2016 tinha 73 escolas públicas com cursos de Serviço Social e 362 em escolas privadas, sendo oferecido um total de 122.785 vagas (INEP, 2016).

Albuquerque (2018) salienta ainda que em 2013 existiam na cidade de São Paulo 14 instituições privadas de ensino superior que ofertavam o curso de Serviço Social e nenhuma pública.

Diante desse quadro situacional, é que tem-se o ingresso da população subalterna e marginalizada socialmente no curso de Serviço Social na cidade de São Paulo, isto é, negros, indígenas, idosos, mulheres, egressos do sistema prisional, usuários da política de assistência social e pessoas transexuais.

### **3. A SOCIABILIDADE DOS ALUNOS TRANSEXUAIS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

Conforme ressalta Diniz (2018, p.179) “a sociabilidade se constrói na base das relações e intercâmbios entre os sujeitos em dada esfera e momento histórico”, e é neste movimento que se constroem as identidades, pois como define Martinelli (2006), as identidades são permanências e são transformações, são construídas coletivamente, na vida cotidiana, com os movimentos sociais, com as pessoas, nas relações e isto exige reconhecimento e reciprocidade. É nesta perspectiva que se tem o intuito de conhecer a sociabilidade dos alunos transexuais do curso de Serviço Social.

Ao adentrar no cotidiano das pessoas trans descortinou-se em suas falas as relações e trajetórias de suas vidas, trazendo a sua história, o cenário atual, a busca por autonomia, a luta e o reconhecimento da transexualidade, assim como se trouxe as motivações, as experiências e as perspectivas com o curso de Serviço Social, permitindo conhecer e compreender a sociabilidade desse alunato.

Para isto foram entrevistados dois estudantes transexuais do curso de serviço social que se dispuseram a relatar suas vivências e seu cotidiano; foram eles Guilherme e Silvana<sup>5</sup>. Guilherme tem 32 anos, verbalizou ser branco; mora com a namorada no bairro da Vila Prudente – SP e trabalha como auxiliar

---

<sup>5</sup> Vale destacar que os nomes Guilherme e Silvana, utilizados neste trabalho são nomes fictícios, para preservar as identidades dos sujeitos de pesquisa. Esses nomes foram escolhidos em função de serem profissionais de referência no debate da categoria sobre a questão da transexualidade.

administrativo de forma celetista, recebendo um salário mínimo. Silvana tem 21 anos, verbalizou ser negra, solteira, mora sozinha no bairro Jardim Climax - SP e trabalha como auxiliar administrativo de forma celetista e recebe um salário e meio. Ambos cursam o terceiro semestre em uma universidade privada da cidade de São Paulo e são pagantes.

A respeito da infância, ambos relatam que foram criados pela mãe e pela avó, pois como destaca Silvana (2018) o pai faleceu quando era criança e Guilherme ressalta que morou com a avó paterna até os 3 anos de idade, indo depois viver com a mãe; porém, teve pouca relação com o pai, pois este estava com os vínculos familiares fragilizados e fazia uso de álcool.

Além disso, ambos destacaram que a fase infantil foi marcada por experiências negativas na escola, em função do isolamento, pois tinham poucos amigos e eram vítimas de chacotas e preconceitos dos colegas em função da performance de gênero diferente do seu sexo biológico.

Nesse sentido, Silvana (2018) relata assim “foi uma situação muito difícil. Eu sinto que eu cresci com essa questão da feminilidade sempre bem sensível, sempre bem ‘menininha’”. E Guilherme “[foi] bastante difícil, porque eu não (...), porque, como eu posso falar? Eu sempre ficava no meu quieto, no meu canto quieto. Não fazia amizade, não tinha muita amizade na escola. Então assim, sempre arrumei muita briga”.

As brigas marcaram as infâncias dos dois, no qual se entende que ambos resistiam às violências, pois como verbaliza Guilherme (2018)

eu brigava pelo fato porque eu sabia do que *tava* falando, entendeu? Então, eu sempre fui excluído, sempre ficava na minha. E tinha muita briga, porque conversava com o professor e eu ia jogar bola com os meninos na escola e isso eles não aceitavam, sempre falavam: “Ah! Como é que é?” Naquela época né, “Maria Sapatão de dia é Maria e de noite é João”.

Ainda, Silvana (2018) acrescenta “era muito difícil; tanto que uma vez eu briguei na sala por conta disso. Porque eu sempre fui quieta; mas também se me provocar, eu, eu explodo (risos). Aí eu briguei, porque ficavam xingando, e tal (...).”

Vale destacar que, apesar das performances de gênero não binárias fossem vividas e sentidas por ambos, somente Guilherme se sentia e percebia que sua identidade social não condizia com seu corpo biológico desde os 8 anos,



porém não sabia se “classificar”, no qual como ele (2018) diz: “Eu comecei com 8 anos de idade a me enxergar como um menino (...) eu era sempre o papai, sempre fui o papai nas brincadeiras, em relação a brincar de casinha. Se não sempre o médico, *né!* Sempre era pro lado masculino”. Agora, Silvana (2018) conta outra experiência, dizendo “eu não tinha essa questão da trans não”.

Já na adolescência, as dificuldades da vida escolar continuaram, porém expandiram as relações sociais. Esta fase da vida foi marcada pelo trabalho, pois aos 14 anos ambos começaram a trabalhar no mercado informal, realizando atividades, como: cortador de bíblia em gráfica, auxiliar administrativo, vendedor de pipa e de lingerie.

A inserção no mundo do trabalho se deu em função das questões econômicas familiares, mas também em busca da autonomia para vivenciarem a sexualidade, pois foi nesta fase que começaram a vivenciar suas relações sexuais e afetivas, pois com destaca Guilherme (2018) “eu vendia, eu me virava pra ter um dinheiro, porque eu tinha namorada já. Então, eu tinha que ter dinheiro, porque assim eu não ia levar minha namorada para dormir”. E Silvana afirma que com o dinheiro ganho juntou para sair de casa e morar só.

Todavia, foi neste período da vida que Silvana (2018) contou para a família sobre sua orientação sexual, que na época acreditava ser homossexual, na qual disse que foi um momento difícil para mãe e para irmã, verbalizando assim “eu assumi minha homossexualidade de fato, para mim, para a família, para todo mundo aos 16 anos. Assumi a homossexualidade por causa da pressão da irmã (...) Minha mãe ficou em choque, chorou muito; ela teve dificuldade para lidar com homossexualidade”. E Guilherme verbalizou para a mãe aos 18 que era lésbica, destacando que sempre foi homem, mas em função da falta de informação revelou a suposta orientação sexual, sendo um momento importante para ele, porém “a mãe ficou chateada”.

Neste aspecto, a juventude foi um período de busca por autonomia e de libertação, pois além de já terem se “assumido” para a família e para a sociedade, como diz Silvana, ambos também se inseriram no mercado de trabalho formal e Silvana conseguiu morar sozinha aos 18 anos, conforme tinha planejado. Além disso, neste período começam as experiências identitárias envolvendo a transexualidade.

De acordo com Silvana (2018),

Dezenove para vinte anos, isso. Então, aquela coisa foi crescendo, aquela coisa de... aquela coisa mais do espírito da mudança: “Vamos mudar” e tal. Só que eu não tinha noção do que eu queria de mudança, né? Aí eu falei: “Vamos colocar uma trança, vamos comprar roupa mais legal” e tal. E aí eu fui, conheci uma cabeleireira na Liberdade que ela tinha várias, vários catálogos de trança, de rastafári, do que você (...) Colocar alguma trança, né? Tanto que, na época, eu estava apaixonada pelos *dreads* do Belo, na época... por causa dos *dreads*, na época. Só que quando eu cheguei, eu olhei e não, não gostei. Eu sou muito sincera com o que eu gosto e não gosto. Eu olhei e eu não gostei. E aí ela chegou com uma janela, assim, que ela tinha, portátil, cheia de cabelo... Ah, meu Pai do Céu! Aí foi aquele amor à primeira vista. Quando ela me mostrou um maço assim de cabelo ondulado – que hoje está liso, mas que eu, comprei, comecei com ondulado – aí eu falei: “É isso!” Ela ficou olhando para minha cara, porque eu estava todo vestidinho de menininho, de camisa *xadrezinha*, de short, de bermuda tranquilinha, assim, de tênis... “Você vai colocar cabelo?” Eu falei: “Como?” Ela: “Não é que você vai se montar!” Eu falei: “Não! Vou colocar o cabelo.”

Já Guilherme ressalta que aos 24 anos contou para sua mãe sobre ser um homem trans e depois para os amigos sobre ser o Guilherme, no qual teve apoio e incentivo para começar o processo de “transição”; porém, não foi iniciado neste momento.

O processo de transformação corporal é importante para uma parcela de pessoas transexuais, no qual se utilizam de indumentárias e/ou inserem em seus corpos símbolos socialmente convencionados ao universo de um gênero para a construção da sua identidade, como destaca Marinho (2017).

Neste sentido, o processo de transformação se deu através da extensão capilar, turbantes, maquiagem e roupas femininas no caso da Silvana e com hormônio masculino e a utilização do *binder* (faixa para esconder os seios) no caso do Guilherme.

Além disso, as identidades são construídas nas relações, no processo de socialização, e neste sentido Guilherme relata que sempre pareceu um “moleque”, que as pessoas falavam isso quando publicava fotos suas de criança no Orkut, e Silvana fala que depois que colocou o MegaHair e começou a usar roupas mais femininas passou a ser tratada pelos desconhecidos como mulher, o que gerou um estranhamento inicial. Além disso, Silvana (2018) acrescenta:

“Hoje eu sei qual é meu lugar na minha história. Hoje eu sei quando eu olho no meu espelho, quem eu sou. Hoje eu sei o que eu sou. Então assim, contudo, veio o bônus e o ônus. Veio toda questão do

preconceito, a questão da diferença; veio a questão da dificuldade.”

Neste sentido, o processo de socialização e de identificação também foram marcados por preconceito, discriminação, assédio sexual e até violência física. Os dois relatam que sofreram discriminação no trabalho e na rede do Sistema Único de Saúde – SUS. Além disso, Silvana conta que alguns amigos se afastaram, como também familiares e colegas de trabalho acharam que ela iria se prostituir.

Agora, o assédio sexual foi vivenciado pela transexual feminina, no qual menciona que isto tem sido uma constante; já foi perseguida na rua e sempre recebe propostas de prostituição, pois, no imaginário coletivo, mulher trans é prostituta.

Outra questão apontada pela transexual feminina que a transformação provocou foi o conflito com a irmã, pois como relata Silvana (2018) “um conflito enorme com a minha irmã, porque a minha irmã (...) ela passou a me ver como uma inimiga”.

E a violência física foi vivida pelo transexual masculino, sendo esta violência praticada tanto pelo âmbito extrafamiliar como intrafamiliar. No contexto intrafamiliar, Guilherme conta que o pai o agrediu fisicamente depois de ouvir dos amigos várias piadas, onde os mesmos perguntaram se ele teve um filho ou uma filha mulher? E na violência extrafamiliar, Guilherme relata que foi espancando por vários homens na rua no caminho para o hospital onde faria uma cirurgia de cisto, ao perceberem o seu jeito masculino e o seu corpo feminino.

Neste processo de construção e luta pelo reconhecimento da identidade de gênero encontra-se a utilização do nome social, isto é, ser chamado não pelo nome de registro, mas sim pela identificação da pessoa, ou seja, como ela gosta e quer ser chamada.

Cabe ressaltar que o nome é um elemento importante para a identidade e para o reconhecimento das pessoas; ele “funciona como ‘um cartão de visita’ para qualquer um de nós”, como destaca Martins et al. (2015, p. 6). Entretanto, quando o nome não está em consonância com a aparência física e nem com a identidade de gênero, pode ser motivo de constrangimento e até impedimento

para acessar aos serviços.

Os alunos trans verbalizaram que o nome social se deu com apoio dos amigos no caso do Guilherme e por causa de um professor do curso de Serviço Social no caso da Silvana, ou seja, contaram com apoio da rede de contato. Todavia, tiveram dificuldades para contar seus nomes para os familiares, porém criaram estratégias para serem reconhecidos assim, como por exemplo, colocar na rede social o nome social.

Entretanto, no cotidiano ainda enfrentam problemas para serem chamados pelos nomes sociais, pois algumas pessoas teimam em chamá-los pelo nome civil, causando constrangimentos nos espaços públicos.

Contudo, como o cotidiano também é um espaço de disputa, tensões e resistência, os alunos trans criaram algumas estratégias, como por exemplo:

(...) eu falei assim, vou colocar um dia a lei estadual em relação ao nome social pra todo mundo realmente as pessoas entende, porque se não vou entrar com advogado e vou processar cada um de vocês” (Guilherme, 2018);

Chamei minha chefe *pa* conversar e aí eu falei para ela: “Olha, a partir de hoje o meu nome é [Silvana], e se me chamar de algum nome eu não atendo.” Foi na marra (risos) (...) eu não atendia; fazia a linha da cínica, mesmo, deixava me chamar (Silvana, 2018);

Ah! Tem pessoas que falam: “eu tenho dificuldade, eu te conheci como tal gênero e agora, *né!*” Mas eu falo assim: “não vamos colocar como uma dificuldade, *né!* Treina!” (risos) Treina na sua casa para você não ofender ou constranger ninguém na frente de qualquer pessoa (Guilherme, 2018).

A respeito da escolha de cursar Serviço Social, ambos relataram que os motivos foram em função de trabalhar na área social, pois um trabalhava numa instituição de atendimento a crianças e adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa e outro trabalhava com população em situação de rua. Gostavam das funções que desempenhavam, como também se apaixonaram pelo trabalho e pelas possibilidades de trabalho dos Assistentes Sociais e pela área social. Além disso, relataram como motivação o incentivo dado por amigos, Assistentes Sociais e colegas de trabalho, assim como por terem um olhar diferenciado sobre as pessoas e sobre a realidade social e porque queriam ajudar as pessoas.

Todavia, o curso de Serviço Social não foi a primeira opção de graduação deles, pois Silvana cogitou estudar Direito; porém, em função das despesas domésticas e pela duração longa do curso, percebeu que não conseguiria arcar

e a mensalidade do Serviço Social é mais baixa e a duração do curso é menor. Já Guilherme ingressou nos cursos de Educação Física, Pedagogia, Psicologia e Engenharia, porém não concluiu os cursos por falta de identificação ou porque não conseguiu pagar a mensalidade, em função do desemprego e do pai parar de ajudar com tal despesa.

Sobre os períodos iniciais do curso de Serviço, os alunos transexuais relataram que ficaram receosos e com medo em função da identidade de gênero, no qual isto causou certo estranhamento e curiosidade durante as atividades acadêmicas.

A respeito da relação com os colegas de turma, ambos destacaram que fizeram amigos, porém apontam que a turma é preconceituosa, que percebem olhares e cochichos dos amigos de classe, e Silvana (2018) que algumas alunas contaram que ficam incomodadas por ela utilizar o banheiro feminino.

Já a relação com os professores do curso de Serviço Social, Guilherme e Silvana disseram que os professores os entenderam, respeitaram e logo começaram a tratar pelo gênero correspondente com a sua identidade. Além disso, os professores orientaram a providenciar o nome social na universidade e a lutarem por esse direito, pois como verbaliza Silvana (2018) “Ih! De boa! Foi eles que incentivaram (risos) Foi eles que incentivaram”.

E a universidade garantiu o direito da utilização do nome social assim que solicitado, mudando rapidamente o nome na lista de presença, porém com as inovações tecnológicas a catraca e a sala de informática aparecem o nome civil, causando insegurança e transtorno, já que outras pessoas podem visualizar.

Além disso, outra questão apontada, especialmente pelo homem trans, foi o “problema do banheiro”, pois o aluno diz que teme ser violentado se alguém o reconhecer como homem trans. Segundo Guilherme (2018), “ eu não vou no banheiro, não vou de jeito nenhum. Eu espero chegar no estacionamento e eu vou no banheiro ou eu espero chegar na minha casa, porque aqui na faculdade eu não vou”.

Os discentes transexuais salientaram as potencialidades do processo de formação em Serviço Social, salientando que a profissão defende e luta por questões em que acreditam, como também permitiu aprofundamento sobre política e a desconstrução dos preconceitos sobre temas como aborto,

prostituição, violência doméstica e questão racial. Além disso, Silvana (2018) relata que o curso possibilitou o reconhecimento da sua negritude e a se relacionar com homens negros. “Eu sou negra, e eu tinha uma séria resistência de ficar com homens negros. Hoje eu não tenho mais, graças a Deus não tenho mais, não tenho mais isso.”

Todavia, os alunos apontaram vivenciar algumas dificuldades enfrentadas no curso de Serviço Social, isto é, dificuldade de aprendizado, dificuldade na interpretação de texto e na elaboração de redação e dificuldade para apresentar seminários. Ainda, como disse Silvana (2018) “é muito difícil, e eu não imaginava que fosse ser fácil; só que o Serviço Social, ele mexeu muito *ca, ca... cas* estruturas, e... então o Serviço Social me vem (...) me dando umas cutucadas muito *grande!*”.

Entretanto, a maior dificuldade dos alunos tem sido a permanência na universidade, em virtude das condições econômicas, pois são alunos pagantes, o preço da mensalidade ficou mais alto e possuem baixos salários, como também têm despesas e não contam com apoio familiar e tampouco políticas sociais.

Apesar desse dilema real, os alunos têm perspectivas positivas para com a profissão de Serviço Social, pois querem estudar, se formar, cursar uma pós, passar em concurso, ser gerente de um serviço e trabalhar com a população LBGT.

Além da perspectiva com a profissão, as pessoas trans salientaram que possuem como perspectiva para o futuro formar uma família, ser mãe e ter quatro filhos, estabilidade profissional, fazer retificação do nome civil, colocar silicone, fazer a cirurgia e ser reconhecido e respeitado na sociedade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este ensaio evidenciou o processo de sociabilização dos estudantes transexuais do curso de Serviço Social.

As pessoas transexuais têm ingressado no curso de Serviço Social, porém a educação superior no País atualmente está regulamentada e

estruturada para atender a necessidade do capital financeiro e da refração do Estado com as políticas neoliberais. A educação como mercadoria permitiu o acesso da população subalterna à universidade, incluindo as pessoas trans; no entanto, não assegurou o direito universal à educação e tampouco a permanência desse grupo, mas sim gerou lucro para o grande capital.

A história dos estudantes transexuais participantes dessa pesquisa foi marcada pelo preconceito e isolamento na vida escolar e na família, em função da questão de gênero; de outro lado, foi marcado pela resistência e luta pelo reconhecimento da sua identidade.

O trabalho mostrou a importância da transformação corporal e do nome social para a sociabilidade das pessoas transexuais; porém, identificou que isto se dá de forma contraditória, pois ao mesmo tempo em que são rejeitados, violentados e discriminados, recebem apoio e reconhecimento.

Esta contradição da vida social aparece também na vivência dos alunos transexuais no curso de Serviço Social de uma universidade privada da cidade de São Paulo, uma vez que os discentes percebem dos colegas de classe olhares e comentários preconceituosos e a utilização do banheiro ainda configura uma questão, embora tenha sido um espaço onde fizeram amizades, receberam apoio e incentivos dos professores para lutarem pelos seus direitos. A universidade foi um espaço onde a utilização do nome social foi garantida, porém ainda enfrentam problemas nas catracas e na sala informática, pois os nomes civis ainda aparecem.

O acesso à universidade privada não se configura um direito social universal, pois para estudar é preciso pagar mensalidade, pelo qual os alunos transexuais entrevistados não têm certeza se continuarão a estudar, em função das dificuldades econômicas e por não receberem assistência familiar nem do Estado para estudar e sobreviver.

Desse modo, se faz necessário que o Estado cumpra seu papel garantindo o direito ao acesso e permanência na educação de forma universal. Além disso, que assuma o debate de gênero, capacitando os professores e educando os alunos e comunidade em geral sobre a diversidade de identidade de gênero e sobre a dominação de gênero no ensino fundamental, médio e superior.

O Serviço Social precisa se aprofundar mais sobre os debates sobre diversidade sexual e identidade de gênero, pois a população atendida é diversa, assim como os agentes profissionais, no qual o exercício profissional deve ser pautado na defesa intransigente dos direitos humanos, combatendo todas as formas de discriminação.

A partir desse ensaio, nota-se a necessidade de aprofundar este estudo conhecendo as demandas dos alunos transexuais do curso de Serviço Social, descobrindo a visão dos professores do curso e as formas de organização das universidades para receber a população trans, assim como desvelando a sociabilidade dos estudantes transexuais do curso de Serviço Social.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, V. Serviço Social e trabalho docente: precarização e intensificação nas instituições privadas de ensino. In: RAICHELIS, R. et al (Org). **A nova morfologia do trabalho no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

ANTRA. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasil, 2018. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>.

DINIZ, R. A. **Territórios, sociabilidades e territorialidades**: o tecer dos fios na realidade dos sujeitos dos distritos de Perus e Anhanguera da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

INEP. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2016**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARINHO, S. Serviço Social e população trans: um debate sobre questão social e suas expressões na cena contemporânea. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, Belo Horizonte, v. 1, p.103-125, 2017.

MARTINELLI, M. L. **Reflexões sobre o Serviço Social e o Projeto Ético-**



**político Profissional.** Emancipação (UEPG). 2006. p. 9-23, 1 v.

\_\_\_\_\_. O Serviço Social na transição para o próximo milênio: desafios e perspectivas. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, p. 133-148, 1998.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples:** cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, L. B. et al. O nome social e o processo de retificação do nome civil: os caminhos para a garantia de cidadania. In: Jornada Internacional Políticas Públicas, 7, 2015. **Anais...** São Luís: JOINPP, 2015.

RAICHELIS, R. Serviço Social: trabalho e profissão na trama do capitalismo contemporâneo. In: RAICHELIS, R. et al (Org). **A nova morfologia do trabalho no Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 2018.

YAZBEK, M. C. O significado sócio-histórico da profissão. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço Social Direitos Sociais e Competências Profissionais.** Brasília, 2009. Disponível em:  
<[http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/O\\_significado\\_socio-\\_historico\\_da\\_profissao%20Yasbek.pdf](http://unesav.com.br/ckfinder/userfiles/files/O_significado_socio-_historico_da_profissao%20Yasbek.pdf)>.